

Novo Ensino Médio deve valorizar professor e envolver alunos

O modelo ideal de Ensino Médio vem sendo discutido intensamente desde a proposta de medida provisória do governo federal que altera a forma como as disciplinas serão oferecidas no segundo grau. A pedagoga e pesquisadora da Faculdade de Educação (FE) da USP, Lisete Arelaro, e o matemático e coordenador do Laboratório de Estudos em Educação Superior (Lees) da **Unicamp**, Renato Pedrosa, concordam que um dos principais problemas do Ensino Médio na rede pública é a falta de valorização e qualificação dos professores e que uma reforma deve prezar pela valorização dos educadores.

Os especialistas discutiram a medida e o formato ideal de Ensino Médio no último USP Talks - Ensino Médio: O que ensinar e como melhorar?. Lisete critica a formação em massa de professores nas faculdades particulares. “O Brasil não estava preparado para chegar nesses conglomerados educacionais de caráter mercadológico. Estamos vivendo uma crise complexa, dos professores que estão matriculados no ensino privado cursando licenciaturas e 52% por meio do ensino a distância”, afirma.

Pedrosa destaca que a maior parte dos alunos que se formam pedagogos em universidades públicas segue carreira no Ensino Superior, já que o salário inicial de professores desse nível é muito maior do que o de professores do ensino básico - o piso salarial do magistério é de R\$ 1.917,00 e o piso salarial de um professor universitário é de, no mínimo, R\$ 8.639,00. “Não há condições, em nenhum país que tem educação básica razoável, de ter uma diferença dessa no salário do professor”, afirma. Apesar das críticas à medida provisória, principalmente por ter força de lei antes de ser analisada pelo Poder Legislativo, a proposta trouxe à tona a discussão do formato e da qualidade do Ensino Médio, principalmente na rede pública.

Até o dia 29 de setembro foram feitas 568 propostas de emenda constitucional por senadores e deputados com naturezas diversas, inclusive a revogação da medida, e mais de mil escolas já foram ocupadas por estudantes que exigem a participação na discussão da reforma. (Jornal da USP)